

MARCONI, Momolina. **Prelúdio à história das religiões.**
São Paulo: Paulus, 2008. 144p.

Márcia Eliane Fernandes Tomé*

Com formação em Letras pela Universidade dos Estudos de Milão, dirigida por Uberto Pestalozza, pioneiro na docência em História das Religiões na Itália, Momolina Marconi lecionou História das Religiões no Ateneu milanês, em substituição ao mestre nos anos de 1949 a 1982. Depois da primeira monografia *Riflessi mediterranei nella più antica religione laziale* (1939), publicou vários estudos sobre a religião no mundo mediterrâneo, principalmente na Grécia e em Roma. Experiências que lhe outorgaram o direito e os conhecimentos necessários para na obra *Prelúdio à história das religiões* introduzir o leitor nesse universo de divindades, mitos, ritos e símbolos.

Sua premissa inicial é que o sagrado se situa além dos limites naturais do homem, seja qual for a maneira como ele se manifesta, “[...] na floresta ou na montanha, no céu ou no mar, através de uma chama ou de uma voz de uma figura viva”. De acordo com a autora, o homem se entrega ao sagrado à medida que ele vai se explicitando, por meio de episódios que, depois, formam uma história sagrada, à qual o homem responde com técnicas que lhe permitem conservar a crença, seja por meio de uma oração, de um gesto, sacrifício ou ritual, melhor dizendo, através de uma *práxis* que sempre corresponde a um rito.

Conforme enfatiza Momolina, em todas as histórias sagradas, como em todo ritual, os elementos são singulares, tanto pela variedade como pelas coincidências: quer se trate de politeísmo ou monoteísmo, de sacerdócio individual ou coletivo, quer se trate de culto em local aberto ou em ambiente fechado, quer se trate de um deus que morre ou do homem que vive depois da morte. Para ela, um mundo de fatos religiosos nos revela a maneira como o homem de todos os tempos foi bater às portas do mistério.

O seu trajeto temático parte do mito que, segundo a autora, testemunha não só a história dos deuses, como também a história de homens mensageiros desses deuses, e por isso mesmo podemos documentar realidades até da mais longínqua pré-história. Como nos relata Momolina, na *Teogonia*, de Hesíodo, a batalha entre os filhos de

* Pós-graduada em Filosofia e Mestranda em Ciência da Religião pela PUC Minas, e-mail: fernandestome@ig.com.br

Cronos resolve-se com um denso voar de pedras, as mais rudimentares armas do homem (*homo habilis*). A autora analisa o significado moral ou religioso do mito, ou melhor, o que ele ensina sobre a conduta do homem em relação aos outros homens ou em relação à divindade. Assim, a lâmina com a qual Gaia armou o filho Cronos para “assassinar” Urano, feita com quartzito, isto é, obsidiana, era muito difundida na remota cultura egeia e tinha em Melos o seu centro de exportação.

Depois de narrar vários mitos, Momolina cita algumas páginas da Bíblia em que, segundo ela, se narra uma história mitológica da criação do mundo (Gênesis 1, 1-24).

Na parte dedicada ao estudo dos deuses, a ideia diretriz parece demonstrar que o homem, incapaz de resolver todas as questões, precisa convocar os deuses para obter a resposta. Entretanto, as grandes religiões, cada uma com sua promessa, possuem um caráter claramente escatológico e soteriológico, indicando assim um rumo preciso para a existência humana.

No terceiro capítulo, intitulado “O nome dos Deuses”, Momolina, fundamentando-se nos estudos de alguns filólogos, como Max Müller, afirma que os nomes podem nos revelar aos deuses: podemos conhecer sua natureza, através da pesquisa filológica. Mas a autora recorda que, para os povos que ignoravam a escrita, a palavra é só som, não sinal. Assim, a palavra falada tem poder, sobretudo o nome de um deus. Sobre o valor do nome, ela nos faz lembrar a crença dos esquimós segundo a qual o homem é feito de três elementos: o corpo, a alma e o nome. Contudo, considera que os nomes mais belos são aqueles de Alá, no Alcorão.

No capítulo seguinte, que trata do sacerdócio, a autora analisa as características e funções que esse ministério assumiu em várias culturas. É singularíssimo o sacerdócio confiado às crianças, no templo de Atena Alea, em Tegea, na Arcádia, como também o das sacerdotisas virgens, no Templo de Ártemis. E interessante o que observa Plutarco (Vida de Numa, IX) a propósito das Vestais romanas – as mulheres velhas escolhidas para guardar o fogo sagrado.

Em seguida, ela aborda a questão do sacrifício da oferta das primícias, como uma descoberta sugerida pelo drama da sobrevivência que a ele estava ligada; drama que preocupa o homem arcaico no desafio cotidiano de encontrar alimento, num ambiente cujos perigos imediatos ele teme e dos quais deve se defender com os meios que vai inventando ao longo de centenas e centenas de milênios.

No sexto capítulo, “Imagens e símbolos”, Momolina afirma que a ideia de representar o sagrado acontece em todas as culturas, com exceção da muçulmana, em

que é categórica a proibição de representar a divindade. Ela lembra ainda que uma divindade pode ser facilmente reconhecida por um sinal que a caracteriza. Daí a importância da relíquia, que por sua vez assegura a presença do sagrado, como também do ex-voto, que testemunha a ajuda divina em eventos sem saída. De tudo isso resulta que o homem, mesmo guiado por coisas altíssimas, naturalmente precisa cercar-se de coisas concretas.

No oitavo capítulo, “A máscara”, a autora parece concordar com Mário Untersteiner, que define a máscara como o rosto imóvel que, com olhos fixos, fita quem não foge deles, sendo o mais inflexível símbolo do estar presente. E também com M. Eliade, segundo o qual a fuligem sobre a face é uma técnica elementar para se conseguir uma integração mágica com o mundo dos espíritos.

A seguir, a autora trata da importância significativa do gesto, que como expressão de prece aproxima o homem da divindade. Dando continuidade ao estudo das formas do homem se relacionar com o sagrado, ela afirma que a confissão dos pecados é um tema que voltou a ser atual, por dois diferentes motivos: a nova admoestação católica a respeito do sacramento da penitência e o difuso apelo à ação da psicanálise. Embora a culpa – ou o pecado – se encontre documentada em todas as culturas, a confissão do pecado funciona como garantia da purificação, que permite à sociedade retornar à vida e em outras situações é garantia de uma serena sobrevivência no Além.

Outro tema desenvolvido é a oração, que, individual ou coral, é a voz que se alça reconhecendo a força da divindade e pedindo explicitamente ou não a sua proteção. De acordo com Momolina, trata-se de um anseio instintivo do fiel, praticamente atestado por todas as experiências religiosas.

No que diz respeito ao capítulo sobre as bruxas, a autora adota a definição de Uberto Pestalozza, que as entendeu não como “magas” de uma magia equívoca e inferior (feiticeira), mas de uma magia que é força, para dominar e modificar o mundo sobre o qual ela se exerce, o que constitui o exercício mesmo da sua divina sabedoria, em que o divino e o mágico estão entrelaçados de tal modo, que separá-los é impossível. A bruxa é maga enquanto deusa e deusa enquanto maga. Sobre o diabo, ela recorda que é uma crença difundida no mundo eslavo, da Europa oriental e sul-oriental que vê o diabo em ação já no momento da criação. No entanto, Momolina conclui que o diabo não passa de uma lenda, que, se não fosse pelos estudiosos, já teria desaparecido.

A autora que, para tratar da introdução à história das religiões, iniciou seu texto com o tema sobre o mito, encerra-o tratando da fábula, pois, para ela, o tempo da fábula

é semelhante ao tempo do mito – fora do tempo, mas presente em nosso tempo com a história contada; no mito, história sagrada; na fábula, fruto da fantasia. Talvez esteja aí presente a ideia de que, embora a história das religiões se faça com fatos fantásticos, esses sentimentos são deste mundo, a matéria é fantasia, mas o núcleo é sabedoria.

Parece-nos que com sua obra ela quer nos mostrar que, apesar da diversidade do fato religioso, é possível a análise das técnicas ou dos rituais, dos quais se encontram vestígios nas diferentes formas religiosas e cuja recorrência, no tempo e no espaço, funda precisamente a história das religiões.

O livro se apresenta como fonte de pesquisa para teólogos, filósofos, historiadores e interessados no assunto e, ainda, como material para seminários e discussão, devido à riqueza de informações que ele oferece. Vale a pena ser lido para tirar as próprias conclusões.